

UMA ANÁLISE DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE TAVARES – PB

Leandro Quaresma de Sousa¹

Valdir Lopes Bezerra²

RESUMO:

Esse artigo tem por função levantar os pontos importantes a respeito da educação ambiental e suas aplicações na prática educativa do município de Tavares, estado da Paraíba, sendo levada a elaboração de um diagnóstico das concepções, práticas e dificuldades encontradas pela comunidade intra e extraescolar na promoção da educação ambiental, para embasamento desta utilizamos alguns autores renomados nesta área. O campo de pesquisa compreendeu duas escolas públicas, das quais foram analisados os Projetos Políticos Pedagógicos – PPP, além de registros das atividades de educação ambiental desenvolvidas. Docentes, gestores e alunos responderam a questionários estruturados no intuito de levantar o perfil dos entrevistados, além de concepções, práticas e dificuldades encontradas ao tema abordado. Verificou-se que apesar do tema Educação Ambiental ter sido muito discutido, insuficientes ações foram realizadas diante a necessidade urgente de sua implantação efetiva no sistema educacional brasileiro.

Palavras-Chave: Diagnóstico. Educação Ambiental. Escola.

INTRODUÇÃO

Para Machado (2000), os ingredientes fundamentais da educação são os projetos e valores. Não poderia ser diferente com relação à educação ambiental, que pressupõe a existência e a partilha de projetos coletivos que pretendem conduzir a finalidades prefiguradas.

Segundo as diretrizes do MEC (Ministério da Educação e Cultura), pela publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) – temas transversais (1998), a EA (Educação Ambiental) deve ser trabalhada nas escolas de maneira interdisciplinar. Como a maioria dos educadores não teve esse tema abordado no currículo em sua formação inicial, torna-se evidente a necessidade da apropriação

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade Paulista (UNIP) e Pós-graduação *latu sensu* em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Cândido Mendes (UCAM)

² Possui graduação em Biologia pela Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde(1995), especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdades Integradas de Patos(2001) e mestrado em Ciencias de la Educación (Ciências da Educação) pela UNIVERSIDAD AUTONOMA DEL SUR(2016).

de seus conteúdos e temas, bem como a sensibilização dos futuros educadores para a real incorporação da EA nas escolas.

O presente tem por objetivo principal Descrever as principais dificuldades enfrentadas pelos educadores em realizar projetos e atividades de EA nas escolas pesquisadas, configurando-se como pesquisa exploratória, que tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias a respeito da temática abordada, buscando promover uma aproximação com o tema estudado envolvendo levantamento bibliográfico, análise de documentos e entrevistas como base para a pesquisa. Sendo de natureza qualitativa, levando em consideração a compreensão em profundidade do fenômeno estudado, trabalhando com descrições, comparações e interpretações.

Por mais que as diversas disciplinas tratem, individualmente, de aspectos ambientais, sua natureza fragmentada, própria da educação tradicional, impede uma abordagem eficiente da problemática ambiental. Nesse sentido, os PCNs nos dizem:

Para que os alunos construam a visão da globalidade das questões ambientais, é necessário que cada profissional de ensino, mesmo especialista em determinada área do conhecimento, seja um dos agentes da interdisciplinaridade que o tema exige. A riqueza do trabalho será maior se os professores de todas as disciplinas discutirem e, apesar de todo tipo de dificuldades, encontrarem elos para desenvolver um trabalho conjunto. Essa interdisciplinaridade pode ser buscada por meio de uma estruturação institucional da escola, ou da organização curricular, mas requer, necessariamente, a procura da superação da visão fragmentada do conhecimento pelos professores especialistas (BRASIL, 1998, p. 193).

Transpondo isso para a educação ambiental, podemos dizer que as práxis devem propor uma observação sensível e crítica do ambiente, incentivando a reflexão e a busca de soluções para os problemas percebidos pelos estudantes. As práticas da pedagogia tradicional não possibilitam que os estudantes sejam sujeitos de sua aprendizagem.

A educação ambiental crítica exige uma nova postura do educador, precisa de um mediador e não mais de um transmissor de conhecimentos, necessita de um profissional aberto ao diálogo, à escuta de seus alunos (de suas opiniões, verdades e anseios).

Uma educação ambiental voltada para uma efetiva melhoria da qualidade de vida local e global, e também comprometida com a ética de manutenção da vida em nosso planeta, requer abordagens pedagógicas que contrariam o modelo tradicional de ensino, centrado em um currículo composto por múltiplas disciplinas que

apresentam limites conceituais não sobrepostos e que, portanto, não dialogam entre si. A palavra de ordem, nesse contexto, é interdisciplinaridade.

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS

A ausência de projetos em educação ambiental, ou em qualquer outra modalidade de educação, é um problema crítico, responsável pelo surgimento de conflitos diversos, mesmo nas sociedades mais organizadas. Isso revela uma grande necessidade de se investir na elaboração de ideias integradoras entre a formação pessoal e a social no que tange à área de educação ambiental. Sendo assim, a educação ambiental também deve visar ao desenvolvimento das personalidades individuais e ao pleno exercício da cidadania.

No contexto da educação ambiental, as propostas pedagógicas devem ser elaboradas visando ao desenvolvimento de práticas sociais comprometidas com o meio ambiente. Essa visão transformadora justifica por suas potencialidades de sensibilização e motivação das pessoas, pois as leva a se sentirem corresponsáveis pelo processo contínuo de melhoria da qualidade do ambiente local e global.

Considerando que a questão ambiental envolve múltiplos fatores e que o meio natural e o meio sociocultural são duas faces indissociáveis da mesma questão, fica evidente a necessidade da amplitude do repertório pedagógico em educação ambiental.

Obviamente, esse é um processo que requer capacitação docente eficaz e contínua, de modo que os professores possam reelaborar permanentemente as múltiplas informações que recebem e decodificá-las de modo adequado para os alunos.

Apesar da necessidade desse grande repertório pedagógico em educação ambiental, o dinamismo da transformação socioambiental que o processo educacional deve acompanhar é favorecido por propostas pedagógicas que procuram centralizar sua atenção nos seguintes aspectos (Jacobi, 2004): desenvolvimento de competências, conscientização, capacidade de avaliação, mudança de comportamento e participação efetiva dos educandos.

A Educação Ambiental surge como alternativa para mudar o comportamento das pessoas em relação ao meio ambiente, porém sua prática necessita ainda de muitos avanços para que realmente tenha uma ação transformadora. Uma das estratégias para a prática ambiental é a interdisciplinaridade, que busca o

entendimento do mundo com um todo complexo. O repensar a Educação Ambiental está em processo nas últimas décadas. Os conceitos de sustentabilidade e de interdisciplinaridade foram bastantes discutidos e disseminados, porém não suficientemente aplicadas e vivenciadas.

Dentro de uma série de questões ambientais, o lixo (resíduos sólidos) é uma das mais complexas, pois abrange diversos aspectos além do ambiental, como a questão do consumismo, dos catadores de lixo, da exclusão social e dos aspectos econômicos sobre os desperdícios.

Para muitos problemas ambientais, as soluções são de natureza tecnológica e exigem grandes recursos financeiros. Outros implicam decisões políticas administrativas e de educação, exigindo mudanças radicais de atitudes frente ao meio ambiente. O cidadão deve ser levado a refletir sobre a qualidade e as fontes de sustentação da própria vida.

A Educação Ambiental como prática pedagógica ou disciplina em alguns níveis escolar, é uma atividade muito recente que surgiu a partir de preocupação com a exploração indiscriminada dos recursos naturais, o que acarreta o esgotamento desses estoques. Emergiram, neste período os conceitos de desenvolvimento sustentável e biodiversidade, questões que precisam ser discutidas em âmbito escolar. Nas últimas décadas, a partir da percepção de que os problemas ambientais afetavam a qualidade de vida da sociedade, foram sendo aprimoradas as discussões sobre estas questões.

A principal função do trabalho com o tema Educação Ambiental e resíduos sólidos é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e atuar na realidade socioambiental de modo comprometido com a vida, com o bem estar de cada um e da sociedade local e global. Para isso é necessário, que mais do que informações e conceitos, a escola se proponha a trabalhar com atitudes, com formação de valores, com o ensino e aprendizagem de habilidades e procedimentos. Este é um desafio da educação.

A INTERDISCIPLINARIDADE E A TRANSDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

As discussões sobre interdisciplinaridade já fazem parte do cenário educacional há algum tempo. Elas buscam soluções para a tendência de

fragmentação dos objetos do conhecimento nas diversas áreas, que conduz a um discurso fechado deletério para os propósitos de comunicação e ação.

Em um mundo globalizado como o nosso, regido por uma avalanche de informações, parece cada vez mais difícil e pouco eficiente o enquadramento de fenômenos que ocorrem fora da escola no âmbito de uma única disciplina.

Portanto, a interdisciplinaridade surge como uma bandeira aglutinadora, que age a favor do desenvolvimento de uma visão unificadora, pautada na interação e complementaridade das ações. A interdisciplinaridade consiste em criar um objeto novo que não pertença a ninguém (MACHADO, 2000).

A interdisciplinaridade resgata a complexidade inerente à questão ambiental. Ou seja, se faz a distribuição do conhecimento humano em compartimentos estanques, isso promove um reducionismo indesejável, que deixa de ressaltar importantes inter-relações características dos fenômenos naturais, dos quais fazem parte as pessoas.

Por força de um condicionamento histórico, a substituição do multidisciplinar pelo interdisciplinar não se dá sem uma boa dose de esforço individual e conjunto por parte do corpo docente e dos gestores educacionais. Carvalho traduz bem essa dificuldade:

Assim, a interdisciplinaridade jamais será uma posição fácil, cômoda ou estável, pois exige nova maneira de conceber o campo da produção de conhecimento buscada no contexto de uma mentalidade disciplinar. Trata-se de um combate ao mesmo tempo externo e interno, no qual à reorganização das áreas e das formas de relacionar os conhecimentos corresponde a reestruturação de nossa própria maneira de conhecer e nos posicionar perante o conhecimento, desfazendo-nos dos condicionamentos históricos que nos constituem (2011, p. 122).

É importante ressaltar que, do ponto de vista das definições, multidisciplinaridade e interdisciplinaridade são conceitos distintos. Na multidisciplinaridade, as várias disciplinas colaboradoras mantêm seus limites intactos. Na interdisciplinaridade, esses limites são transpostos pela construção de conceitos e métodos comuns. Há ainda um terceiro conceito envolvido nesse contexto que é a transdisciplinaridade, que se caracteriza pela total ausência de limites disciplinares.

Uma análise mais pormenorizada a respeito de multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade podem ser encontradas em Carvalho (2011). Essa autora faz algumas considerações que organizamos a seguir na forma de tópicos para melhor compreensão como o conceito de multidisciplinaridade diz

respeito à situação em que diversas disciplinas, com base em seu quadro teórico-metodológico, colaboram no estudo ou tratamento de dado fenômeno. Os limites disciplinares são mantidos e não se supõe, necessariamente, a integração conceitual ou metodológica das disciplinas no âmbito de um novo campo do conhecimento. Congressos e simpósios são exemplos de situações em que se lança mão do debate multidisciplinar.

No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) estabeleceram a inclusão das questões ambientais como tema transversal. Os PCNs definem temas transversais como “questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas na vida cotidiana” cujos objetivos e conteúdos “devem ser incorporados nas áreas já existentes e no trabalho educativo da escola” (BRASIL, 1998, p. 17). Além do meio ambiente, também fazem parte dos temas transversais: ética, saúde, orientação sexual, pluralidade cultural e trabalho e consumo.

Por se tratar de uma dessas questões importantes da vida cotidiana do aluno, os PCNs reafirmam a necessidade de uma abordagem interdisciplinar das questões ligadas ao meio ambiente (e aos demais temas transversais). Portanto, a questão ambiental deve ser inserida nas várias áreas do conhecimento, discutida em diversos contextos, permeando, assim, toda a prática educacional.

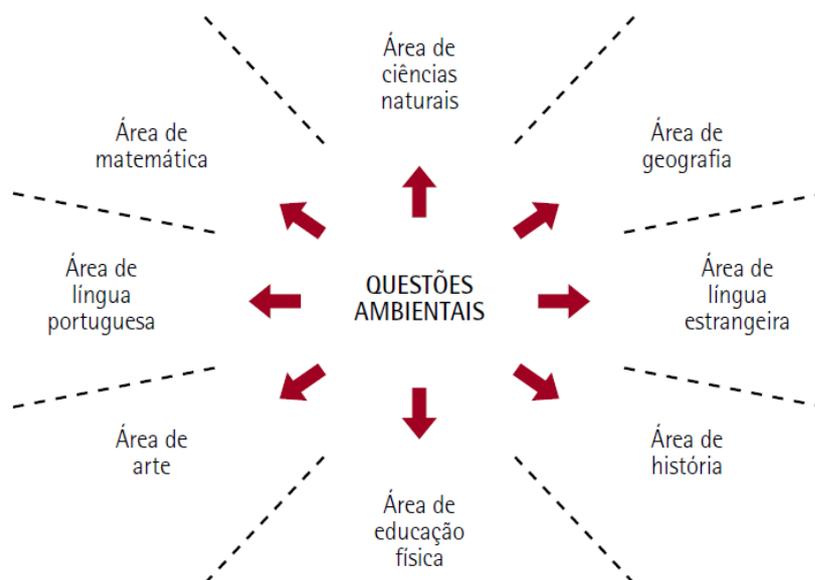


Figura 1 – Caráter interdisciplinar das questões ambientais na educação formal. As linhas tracejadas representam a conexão e o esmaecimento dos limites existentes entre as disciplinas.

Fonte: CAMPINA, 2011

De uma maneira ou de outra, a temática ambiental sempre foi contemplada nos contextos específicos de cada disciplina. Sobre esse caráter interdisciplinar intrínseco, encontramos a seguinte observação nos PCNs:

Ainda que a programação desenvolvida não se refira diretamente à questão ambiental e que a escola não tenha nenhum trabalho nesse sentido, a literatura, a geografia, a história e as ciências naturais sempre veiculam alguma concepção de ambiente, valorizam ou desvalorizam determinadas ideias e ações, explicitam ou não determinadas questões, tratam de determinados conteúdos; e, nesse sentido, efetivam uma “certa” educação ambiental. A questão ambiental não é compreensível apenas a partir das contribuições da geografia. Necessita de conhecimentos históricos, das ciências naturais, da sociologia, da demografia, da economia, entre outros (BRASIL, 1998, p. 27).

Um dos grandes objetivos perseguidos pela educação ambiental, enquanto formação crítica do cidadão é o desenvolvimento de uma atitude ecológica. Carvalho (2011) afirma que essa atitude “poderia ser definida, em seu sentido mais amplo, como a adoção de um sistema de crenças, valores e sensibilidades éticas e estéticas, orientada segundo os ideais de vida de um sujeito ecológico” (p.177).

A autora ainda ressalta que atitude é diferente de comportamento. Segundo ela, atitudes “são predisposições para que um indivíduo se comporte de tal ou qual maneira” (op. cit., p.177).

Já um comportamento nem sempre reflete as atitudes do sujeito. Uma pessoa pode cultivar uma atitude ecológica, mas, por outros motivos, manter hábitos e comportamentos incompatíveis com tal atitude.

Assim, um grande desafio a ser superado pela educação ambiental (e pela educação como um todo) é o estabelecimento de uma compatibilidade entre as atitudes que se pretende formar e os comportamentos efetivamente manifestados pelas pessoas.

Muitas atividades de educação ambiental ensinam o que fazer e como fazer no contexto do ecologicamente correto, por meio de uma série de procedimentos. No entanto, isso , por si só, não garante o desenvolvimento de um sistema de valores a respeito de como se relacionar com o ambiente, sistema esse que guiará, a longo prazo, sua conduta como cidadão ambientalmente responsável.

Apesar disso, a educação ambiental não deve se descuidar da transmissão correta de conteúdos e de orientações comportamentais, que preparem a pessoa para a correta conversão das atitudes em atos ambientalmente responsáveis.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente, realizamos uma palestra, posteriormente com oficinas para que os alunos entendessem os problemas, na ocasião foi proferida a palestra Educação Ambiental e a Gestão dos Resíduos Sólidos pelo Técnico da Emater Eugênio Manoel de Oliveira, e também de educadores e estudantes do curso de Tecnologia em Gestão Ambiental do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB do *campus* de Princesa Isabel no estado da Paraíba - Brasil, conforme mostra a figura 2.



Figura 2: Palestra realizada para os educandos
Fonte: BEZERRA, 2016

Após a realização das palestras, os alunos participaram de oficinas com enfoque em EA, para posterior apresentação em plenário, conforme mostra a figura 3.



Figura 3: Apresentação dos trabalhos realizados depois das oficinas
Fonte: BEZERRA, 2015

Foram realizados questionários com uma amostragem de 20% dos alunos que participaram da palestra e oficinas, onde inicialmente observamos a idade e escolaridade dos mesmos, cuja maior concentração se deu com alunos do 8º e 9º anos e da faixa etária dos 13 aos 16 anos, como mostra a Tabela 1.

Tabela 16 – Número de alunos que participaram dos questionários por série.

Idade/Série	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
11 anos	10	-----	-----	-----
12 anos	11	13	-----	-----
13 anos	9	8	15	10
14 anos	----	9	18	34
15 anos	----	----	19	26
16 anos	----	----	12	16
Total	30	30	64	86

Fonte: BEZERRA, 2016

Na primeira questão sobre a definição de resíduos sólidos, a maioria dos alunos (53,2%), responderam que RS são materiais que não tem mais nenhuma utilidade nas suas vidas e, por isso, que é jogado fora.

Já na segunda indagação 89% dos educandos responderam que nem tudo o que é jogado fora pode ser considerado como lixo, pois, os materiais podem ser reciclados e reaproveitados.

A respeito da questão que tratava de onde vinha o lixo, 82,14% dos alunos informaram que o lixo é proveniente das casas, comércios, hospitais, entre outros.

Relacionando-se ao questionamento sobre os problemas causados pelo lixo 82,14% já sabem que o lixo pode causar problemas como doenças, poluição, enchentes e 17,86% ainda desconhecem os problemas que o lixo pode causar se colocado de forma inadequada no ambiente. Houve um certo questionamento por parte dos alunos sobre quais doenças o lixo poderia gerar. Isto demonstra que os alunos começaram a se preocupar com as consequências geradas pelo lixo quando acumulado e colocado de forma inadequada no ambiente.

Na questão 5, os alunos foram indagados a respeito da diminuição da produção de lixo e 81% relataram que deve-se comprar apenas o necessário,

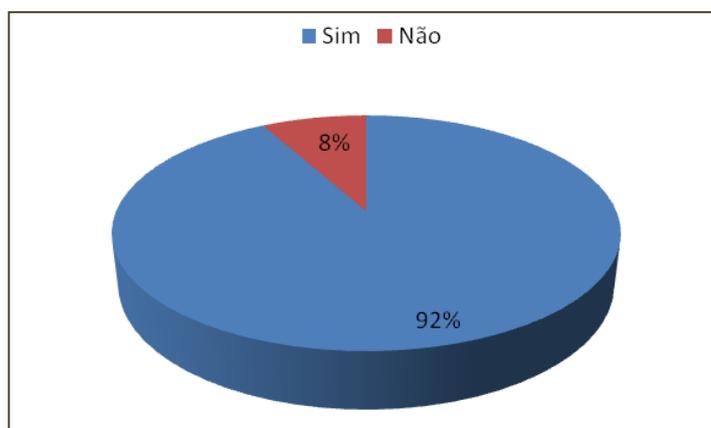
reaproveitar objetos, dando-lhe novas funções e praticar a reciclagem, já 19% responderam que ainda não sabem o que fazer para diminuir a produção de lixo.

Relacionando-se a importância do tema a ser tratado na escola, os alunos acham importante, e que essa temática vem contribuir para a melhor formação deles como pessoas.

Foi perguntado se os alunos praticam algum tipo de coleta seletiva, a maioria respondeu que não, mas os que responderam positivamente disseram que separam os resíduos orgânicos dos sólidos, pois separar por tipos de lixo, se torna inviável em suas residências. Essa separação se dá pelo fato de que o resíduo orgânico é doado para alimentação de animais e o seco é destinado ao serviço público de coleta.

Sabendo que o município de Tavares possui muito lixo e espalhados pelas ruas, perguntamos se isso ocorre no bairro onde o aluno mora, e 92% dos alunos responderam que sim, como mostra o gráfico 1.

Gráfico 1 – Situação do lixo nos bairros onde moram os alunos

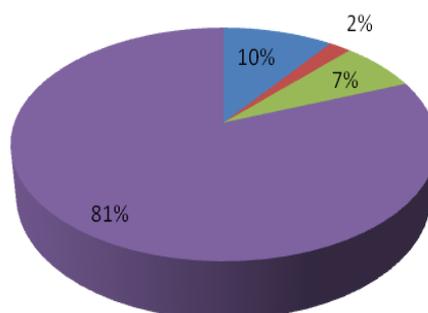


Fonte: BEZERRA, 2016

Relacionando os tipos de problema ambiental que o lixo pode causar em nosso município, solicitamos que os alunos dissessem qual problema eles detectaram em nosso município e observamos que, 81% responderam que é um conjunto de poluição visual, das águas e queimadas, como mostra o gráfico 2.

Gráfico 2 – Problemas ambientais causados pelo lixo.

■ Poluição Visual ■ Poluição dos Açudes ■ Queimadas ■ Todas as citadas



Fonte: BEZERRA, 2016

Com relação à solução dos problemas ambientais causados pelos resíduos sólidos no nosso município, os 118 alunos dizem que o aterro sanitário é a melhor solução para esse problema, 41 alunos acham a coleta seletiva e 41 alunos outras alternativas, como mostra a tabela 2.

Tabela 2 – Solução, de acordo com os alunos, para o lixo em Tavares.

Solução	Nº de alunos
Aterro Sanitário	118
Coleta Seletiva	41
Outra	41
Total	200

Fonte: BEZERRA, 2016

Com o objetivo de verificar a conscientização ambiental dos educandos, perguntamos se existe problema em jogar lixo nas ruas, porque o gari irá recolhê-lo, todos os alunos responderam que não.

Ao verificar a conscientização ambiental dos educandos e sua base em EA, os alunos responderam que embora não pratiquem várias atividades para melhorar o meio onde vivem, relatam que tentam não prejudicá-lo.

Segundo Oliveira (1993), só defende o seu ambiente aquele que o conhece profundamente, pois, só ele sabe a sua importância para o seu bem estar.

Discussões realizadas com os professores.

Foram realizados questionários com os professores das escolas campo de estudo, cuja a amostragem correspondeu a 100% dos professores que lecionam do 6º aos 9º anos nas referidas instituições de ensino.

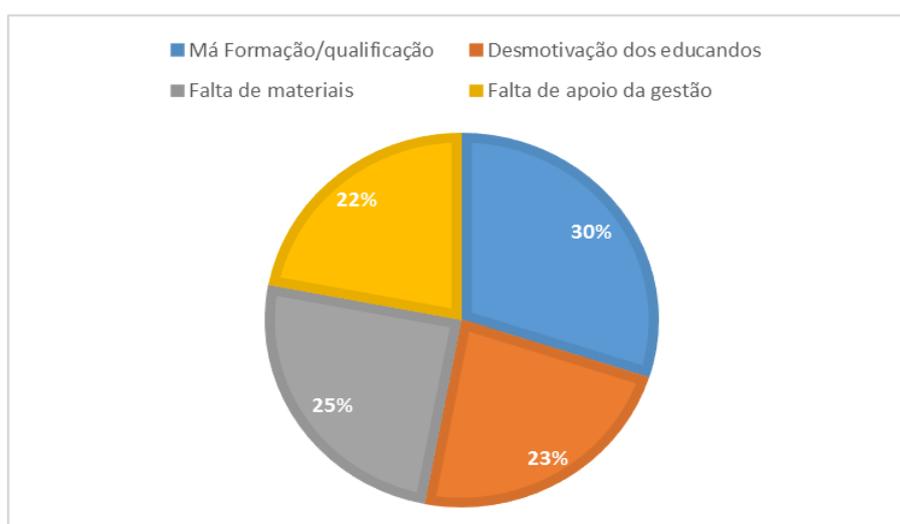
Realizamos um levantamento sobre a formação acadêmica e a disciplina em que leciona e verificamos que embora a maioria dos profissionais estão sincronizados (formação acadêmica e disciplina que leciona), ainda verificamos incompatibilidade nesse quesito, o que representa uma defasagem na qualidade do ensino.

Inicialmente perguntamos aos professores o que é educação ambiental e, em resumo eles responderam que é a maneira pela qual há uma conscientização das pessoas em relação ao mundo em que vivem para que possam ter cada vez mais qualidade de vida sem desrespeitar o meio ambiente.

Em seguida interpelamos sobre a melhor maneira de trabalhar a EA ambiental de forma interdisciplinar com a disciplina que leciona e todos os professores responderam que os projetos são a melhor forma.

Com o intuito de levantar as dificuldades enfrentadas no enfrentadas pelos professores no ensino da EA, e obtivemos como resposta os resultados do gráfico 3.

Gráfico 3 – Dificuldades encontradas no ensino de EA



Fonte: BEZERRA, 2016

Outrossim, perguntamos quais projetos forma trabalhados com a temática ambiental na escola em que lecionam e os docentes da escola estadual Adriano

Feitosa relataram que o projeto foi trabalhado com toda a escola e teve o tema Semiárido e escola sustentável: buscando alternativas para o futuro. E os da escola Padre Tavares relataram que o projeto também foi trabalhado com toda a escola com a temática Ecoleitura: os retratos da agenda 21.

Para finalização do questionário, indagamos aos professores sobre o seu nível de preparo para trabalhar o tema e os professores relataram que 10% não se sentem preparados, 29% se consideram razoavelmente preparados, 53% parcialmente preparados e apenas 8% consideram que estão preparados de forma plena.

Discussões realizadas com os gestores.

Foram realizados questionários com os gestores das escolas campo de estudo, e inicialmente realizamos um levantamento sobre a formação acadêmica e o cargo que ocupa, pois segundo a atual legislação para ocupar cargos de gestão escolar o profissional deve ser formado em pedagogia ou em cursos de licenciatura com especialização em gestão escolar. Verificamos que a gestora da escola Padre Tavares é formada em pedagogia com habilitação para o ensino infantil e anos iniciais, não possuindo curso de especialização na área de gestão escolar e a da escola Adriano Feitosa possui curso de licenciatura em biologia e também não possui curso de especialização na área de gestão escola. Isso representa uma discrepância entre a formação acadêmica e o cargo que ocupa, pois, apesar de uma gestora possuir licenciatura em pedagogia, mas não há habilitação para a gestão escolar e no segundo caso não há nem formação em pedagogia nem especialização específica.

Inicialmente indagamos qual as dificuldades encontradas no ensino de EA nas escolas e verificamos que os gestores identificam a má formação/qualificação dos profissionais da educação como principal problema (100%).

Outrossim, indagamos sobre a contribuição dos projetos relacionados a EA e foi relatado que eles têm por função conscientizar os educandos para práticas ambientais corretas, que não agridam o meio ambiente.

Em seguida, indagamos a gestão escolar se realizam alguma forma de preparo prévio com os professores para o trabalho com projetos de EA na sala de

aula, e obtivemos como resposta que são realizadas reuniões pedagógicas com essa finalidade.

Perguntamos quais as competências devem ser trabalhadas com os professores para trabalhar a EA na sala de aula, as gestoras relatam que os docentes devem compreender a necessidade do trabalho com essa temática na escola, dada sua relevância social.

Finalizando o questionário indagamos sobre as medidas que a escola tem tomado para a sensibilização ambiental e as gestoras relataram que o trabalho com projetos é a principal prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas análises realizadas nesse estudo percebeu-se que segundo as diretrizes do MEC, pela publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) – temas transversais (1998), a EA deve ser trabalhada nas escolas de maneira interdisciplinar. Como a maioria dos educadores não teve esse tema abordado no currículo em sua formação inicial, torna-se evidente a necessidade da apropriação de seus conteúdos e temas, bem como a sensibilização dos futuros educadores para a real incorporação da EA nas escolas.

Enquanto ação educativa, a educação ambiental permite que a escola entre em contato com o campo ambiental, promovendo reflexões, metodologias e experiências práticas que têm por objetivo construir conhecimentos e valores ecológicos na atual e nas futuras gerações.

É recomendável que as propostas pedagógicas em educação ambiental incluam conscientização, mudanças de comportamento, participação dos educandos, capacidade de avaliação e desenvolvimento de competências no âmbito escolar.

A estratégia de sensibilização dos educandos das escolas estadual Adriano Feitosa e escola reunida Padre Tavares, com a realização de palestras e oficinas, despertaram o interesse dos alunos com relação a essa prática. Considerando que a maior parte dos alunos acha importante que o tema seja tratado nas escolas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: meio ambiente e saúde. Brasília, MEC, 1998.

CAMPINA, C. V. **Resíduos Sólidos do Saneamento**. Rio de Janeiro: Rima, 2001.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

JACOBI, P. R. **Educação e meio ambiente**: transformando as práticas. Revista Brasileira de Educação Ambiental, nº zero, 28-35, nov. 2004. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/4959471/Revista-Brasileira-de-Educacao-Ambiental-n00>> Acesso em 20 maio 2016.

MACHADO, N. J. **Educação: projetos e valores**. São Paulo: Escrituras, 2000